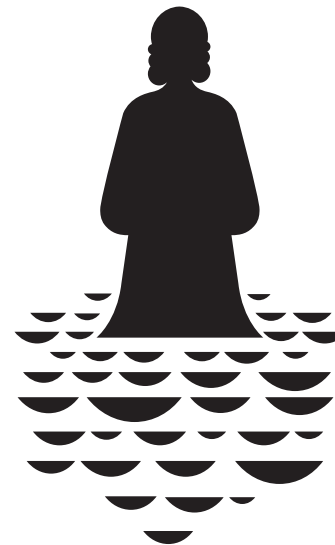




TRIESTE E O SIGNIFICADO DE LUGAR NENHUM

JAN MORRIS
trieste



TRADUÇÃO
PAULO FARIA

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X X I

A autora e os editores agradecem às seguintes pessoas e instituições o terem amavelmente autorizado a reprodução das fotografias contidas neste livro, que foram originalmente dadas à estampa na obra *Trieste: Una città si mette in posa* (Sergio Schiberna Editore, 1998): as fotografias das páginas 63, 75, 187 e 221 são propriedade da Biblioteca Civica, Piazza Hortis, Trieste; todas as restantes são propriedade dos Civici Musei di Storia ed Arte, Trieste.

© 2021, Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Trieste and the Meaning of Nowhere*

© Jan Morris, 2001

Título: *Trieste e o Significado de Lugar Nenhum*
Autora: Jan Morris
Prefácio: António Mega Ferreira
Tradução: Paulo Faria
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2021

ISBN 978-989-671-617-2
Depósito Legal n.º 484423/21

ÍNDICE

PREFÁCIO. UM OLHAR MELANCÓLICO E FELIZ <i>por António Mega Ferreira</i>	9
PRÓLOGO: UM ANJO PASSA	17
I. UMA CIDADE NO SOPÉ DO MONTE	27
2. PREFIRO UMA MESCLA CONFUSA	37
3. RECORDANDO IMPÉRIOS	47
4. SOMENTE A BANDA CONTINUA A TOCAR	63
5. ORIGENS DE UM CERTO ESTILO DE CIDADANIA	75
6. TRISTES INDAGAÇÕES SOBRE NÓS PRÓPRIOS	91
7. COMBOIOS NOS CAIS	105
8. UMA NOITE NA RISIERA	125
9. BORGELLO, KOFRIC, SLOKOVICH E BLOTZ	133
10. O DISPARATE DA NACIONALIDADE	145
II. AMOR E LUXÚRIA	161
12. O LADO SELVAGEM	171
13. O BIPLANO E O VAPOR	187
14. PARA QUE SERVE?	199
15. DEPOIS DO MEU TEMPO	221
16. A CAPITAL DE LUGAR NENHUM	233
EPÍLOGO: SOBRE A MINHA SEPULTURA	239
NOTA DO TRADUTOR	249
ÍNDICE ONOMÁSTICO	253
NOTA BIOGRÁFICA	259

PREFÁCIO
UM OLHAR MELANCÓLICO E FELIZ

por António Mega Ferreira

No final da Segunda Guerra Mundial, o capitão James Morris desembarcou pela primeira vez em Trieste, cidade dos confins da Itália, apertada entre nações e povos eslavos, apenas ligada à terra-mãe por uma língua de terra que quase parece um istmo. Como oficial do 9.º Regimento de Lanceiros da Rainha, fora colocado em Trieste, para garantir a regularidade da ocupação anglo-americana. No meio século seguinte, o capitão Morris voltaria à cidade inúmeras vezes, ao princípio ainda como oficial britânico, depois como historiadora e jornalista que adotara o nome de Jan, quando se submeteu a diversas operações que conduziram à sua mudança de sexo, processo relatado no seu livro *Conundrum. História da minha mudança de sexo* (Tinta-da-china, 2020). Da sua intensa frequentação do nordeste italiano extraiu Morris um livro justamente célebre sobre *Veneza*, inicialmente publicado em 1960 (Tinta-da-china, 2009); mas só nos anos finais do século passado se dedicou a passar a escrito as suas impressões de Trieste, que talvez tenha conhecido como nenhum outro visitante estrangeiro, cujo produto é o livro que aqui se apresenta, editado apenas em 2001: *Trieste e o Significado de Lugar Nenhum*. Anunciou-o então como o seu último livro de viagens; e embora a vida lhe tenha pregado a partida de a manter ativa durante mais 20 anos (morreu em finais de 2020), não voltou a escrever sobre a sua infatigável errância, que dera livros sobre Veneza (além do *opus magnum*, há pelo menos um outro, delicioso, *A Venetian Bestiary*) e monografias sobre Espanha, Nova Iorque, Hong Kong e Sydney.

Em certo sentido, *Trieste* é uma súpula de todas as viagens de Jan Morris: aqui, «sinto que este porto de mar opaco que povoa as minhas visões, tão cheio de doce melancolia, ilustra não somente as minhas emoções adolescentes do passado como também os meus interesses de toda uma vida». Trieste transforma-se no lugar de todas as projeções, ambições e desejos da escritora Jan Morris, que calcou o mundo inteiro (ela estava como jornalista no Everest em 1953, quando Edmund Hillary se tornou o primeiro a chegar ao topo da montanha). Porquê? Talvez porque, como anota desde o primeiro encontro, a cidade se oferece sem traço distintivo evidente como um lugar aonde se vai sem se saber bem o que se procura, como Joyce, que aqui veio parar nos primeiros anos do século xx para sustentar a família. Por isso, para tentar entender esta espécie de modestíssima anomia que define a cidade, Morris convoca todas as suas experiências e o seu labor de historiadora, para encher este lugar vazio com a forma da sua imaginação e o talento narrativo da sua prosa. Às vezes, as aproximações parecem insólitas: as vielas da Trieste antiga sugerem «um bazar indiano a dois passos de um acantonamento ordeiro e de paredes caiadas do Raj»; mas isso só acontece porque o olhar de Morris abarca um mundo muito mais vasto, no espaço e no tempo, do que a sonolenta língua de terra que se abre ao deslumbrante golfo sobre o qual trona a fantasia tardoimperial do Castelo de Miramare.

Como tantas cidades que viveram um vertiginoso apogeu, também o fulgor de Trieste se esbateu com a ruína do Império Austro-Húngaro. Ficou assim, meio esquecida, cloroformizada, sem destino nenhum que a modernidade possa resgatar e enaltecer, o lugar «de um contraditório sentimento de viver no centro e ao mesmo tempo na periferia», como escreveu o triestino Claudio Magris. Talvez fosse também por isso que Jan Morris se sentia tão a gosto em Trieste, tão melancólica e, ao mesmo tempo, tão razoavelmente feliz.

Para
ELIZABETH
e em memória de
OTTO
do 9.º Regimento de Lanceiros da Rainha

UM ESCLARECIMENTO QUE SE IMPÕE

Jan Morris viveu e escreveu enquanto James Morris

até que, em 1972,

levou a cabo

uma mudança de género.

*Eu era o mundo em que errava, e tudo quanto via
Ou ouvia ou sentia de mim e só de mim provinha*

WALLACE STEVENS

PRÓLOGO
UM ANJO PASSA

«Este porto de mar meio real, meio imaginário.»



Nem sempre consigo evocar uma imagem de Trieste. Quem consegue, afinal? Não é propriamente uma daquelas cidades emblemáticas que assomam de imediato na memória ou na imaginação. Não possui nenhum edifício ou monumento inesquecível, não está associada a nenhuma melodia que todos conheçamos nem a nenhum prato típico inconfundível; nenhum dos naturais de Trieste alcançou fama mundial. Trata-se de um porto de mar italiano de média dimensão, de idade respeitável sem ser provectora, etnicamente ambivalente, historicamente confuso, próspero somente a espaços, anichado no canto superior direito do mar Adriático, tão desprovido dos habituais traços italianos que, em 1999, a fazer fé numa sondagem, cerca de 70 por cento dos italianos nem sequer sabiam que Trieste fazia parte da Itália.

Há momentos na minha vida, porém, em que uma imagem de Trieste me vem ao espírito com tanta força que, onde quer que eu esteja, me sinto transportada até àquele lugar. A sensação assemelha-se àqueles momentos misteriosos de silêncio que por vezes interrompem uma conversa absolutamente banal e que, ao que se diz, significam que um anjo acaba de passar entre os convivas. Talvez com base na Bíblia — por causa da Crucificação, quem sabe? —, há a crença popular de que estes momentos ocorrem sempre dez minutos antes da hora certa, e não deixa de ser bizarro que assim suceda muitas vezes, com efeito.

Para mim, estes momentos evocam muitas vezes Trieste. Desde que aqui pus o pé pela primeira vez, enquanto jovem militar, no final da Segunda Guerra Mundial, senti-me curiosamente obcecada por esta cidade. Seja o que for que tenha sucedido em Trieste, por muito que esta urbe tenha mudado, por muitas vezes que eu a visite, a verdade é que, ao longo de mais de meio século, os sentimentos que este lugar desperta em mim permanecem inalterados, e, naqueles instantes de absoluta quietude, não me limito a revisitar a cidade, também examino novamente os meandros da minha pessoa. Quando os ponteiros do relógio marcam dez minutos para a hora certa e o mensageiro invisível esvoaça em torno dos convivas, dou por mim sozinha, no cais de Trieste, o cais de Trieste tal como ele era há tantos anos e tal como sempre o vejo.

O Adriático é azul e silencioso, nem uma brisa lhe agita a superfície. No outro extremo da baía ergue-se um pequeno castelo branco, e os montes em volta são alcantilados. O Sol brilha, mas sem derramar uma luz radiosa. Um esporádico rebocador sulca as águas do porto; um comboio estrela alguns; um pequeno vapor cospe golfadas de fumo; uma banda toca ao longe e alguém assobia uma ária de Puccini — ou serei eu própria? Os edifícios pesados e pomposos que se erguem à beira-mar, com os seus telhados aguçados, encimados por símbolos vários, parecem votados ao abandono, como à hora da *siesta*, em Espanha, e, na orla do cais, um pescador solitário com a sua cana está sentado, de costas vergadas, imóvel, olhos postos numa bóia que nunca se agita. As bandeiras pendem, flácidas. Um eléctrico espera pelos passageiros. O mesmo interlúdio angélico que me acometeu em casa, no País de Gales, parece ter-se propagado também a Trieste.

As minhas reacções a estes momentos não são nunca exuberantes, mas também não traduzem desânimo. Sinto saudades de casa, invadem-me pensamentos tristes acerca da velhice, tenho dúvidas e estou desiludida, mas não infeliz. Parece-me que estou rodeada de gente boa, e um vago anseio insinua-se em mim, narcótico —

aquilo a que os galeses chamam *hiraeth*. É feito, em parte, de *pathos*, mas numa forma lírica a que sou sentimentalmente susceptível, e, ao mesmo tempo, sinto-me febril, espicaçada por uma sugestão de desejo sensual. Uma atmosfera de relevância perdida e de poder fenecido seduz-me, o passar do tempo, a morte dos amigos, navios magníficos enviados para a sucata! Em suma, sinto que este porto de mar opaco que povoa as minhas visões, tão cheio de doce melancolia, ilustra não somente as minhas emoções adolescentes do passado como também os meus interesses de toda uma vida. É aquilo a que eu chamo o efeito Trieste. É como se, graças a um breve vislumbre eivado de associações e significados, eu tivesse sido arrastada para fora do tempo, levada para lugar nenhum.

Não sou a primeira pessoa a associar esta cidade a nenhures. O dramaturgo vienense Hermann Bahr, ao chegar a Trieste em 1909, disse que se sentia como que suspenso na irrealidade, como se estivesse «em lugar nenhum». Trieste é um lugar extremamente subjetivo, que não raro inspira estas fantasias. As pessoas que nunca aqui estiveram não sabem, geralmente, onde fica a cidade. Os visitantes têm tendência a partir intrigados, e, ao chegarem a casa, recordam Trieste com uma vaga impressão de mistério, um sentimento que não são capazes de definir com precisão. Aqueles que a conhecem melhor parecem encará-la muitas vezes em sentido figurado, não como uma mera cidade, mas antes como a ideia de uma cidade, e ela parece exercer uma influência particularmente forte sobre aqueles de entre nós com um fraco pela alegoria — isto é, nos termos em que o austríaco Robert Musil formulou o conceito, uma relação intelectual em que todas as coisas assumem um significado maior do que aquele que, honestamente, comportam*.

* Recorri a *O Homem Sem Qualidades*, Robert Musil, trad. de João Barrento, Vol. 1, Dom Quixote, Lisboa, 2008, p. 537. (N. do t.)

A própria localização geográfica da cidade é sugestiva. Parece sempre situar-se numa dobra do mapa, cercada, esquiva. Uma estreita faixa costeira, com escassos quilómetros de largura, não mais, é o seu único ponto de ligação ao território italiano. Quanto ao resto, está totalmente rodeada por territórios eslavos: a fronteira da Eslovénia situa-se a escassos oito quilómetros do centro da cidade, a Croácia começa 15 quilómetros a sul, a Sérvia, a Bósnia-Herzegovina e a Hungria situam-se todas a menos de um dia de viagem de automóvel. Trieste é como uma colónia numa península, numa língua de terra que assoma da Europa Ocidental e rompe pelo mar dos Balcãs adentro. «O último fôlego da civilização», escreveu Chateaubriand em 1806, «vem expirar nesta costa, onde a barbárie começa.»

Do ponto de vista orgânico, a cidade está igualmente isolada. A escassa distância de Trieste, cingindo a costa de perto, ergue-se um planalto que é um afloramento dos Alpes Julianos. Quem sai de Trieste vê-se obrigado a atravessá-lo para alcançar quase todos os destinos, e a cidade encontra-se confinada entre as suas faldas e o Adriático. Não é um planalto acolhedor, diga-se de passagem. É uma formação calcária agreste, cujo nome os geólogos aproveitaram para cunhar a designação genérica das paisagens calcárias: *cársicas*. Os italianos chamam-lhe Carso, os alemães chamam-lhe Karst, os eslovenos chamam-lhe Kras, os croatas chamam-lhe Krs, e em todas estas línguas o nome é onomatopéico; o Karst é um relevo rude, escalvado, repleto de sumidouros, com vegetação muito escassa e crivado de grutas e cursos de água subterrâneos. As encostas imediatamente acima de Trieste foram amenizadas pelo plantio de árvores, mas o Karst, pedregoso, estéril e infestado de bandidos, constituía um obstáculo formidável para os viajantes no tempo em que ainda não havia boas estradas nem caminhos-de-ferro. Mesmo hoje em dia, sugere a meus olhos uma zona de quarentena ou exclusão, o género de terreno que, nos atlas históricos, se encontra

assinalado com um pontilhado ou com uma trama de linhas entrecruzadas.

Por vezes, Trieste foi assinalada deste modo, porque, com efeito, do ponto de vista histórico, sempre teve um estatuto ambivalente. Se não tivermos à mão um atlas histórico, aliás, é difícil compreendermos este lugar. A povoação começou por ser uma aldeia costeira dos ilírios, um obscuro povo indo-celta que comerciava com os seus vizinhos, vendendo peixe, sal, vinho e azeite. Roma colonizou-a, chamando-lhe Tergeste, Veneza atormentou-a, saqueou-a e, esporadicamente, ocupou-a, e, no final do século XIV, os governantes da cidade confiaram-na à protecção da casa real dos Habsburgos, os monarcas no poder em Viena. Foi este passo que permitiu a Trieste florescer, já que, decorridos quatro séculos, coube aos Habsburgos fazer a cidade ascender ao mundo moderno. Tendo finalmente alcançado a paz com os seus inimigos ancestrais, os turcos, e tendo estendido o seu domínio a todo este recanto do Adriático, os Habsburgos decidiram dar ao seu império continental um cariz marítimo. Escolheram então Trieste como o seu principal porto de mar, a sua via de comunicação com o mundo.

Em 1719, conferiram à cidade o estatuto de zona franca, concedendo-lhe muitas regalias e isenções fiscais para encorajar o desenvolvimento. Construíram uma nova cidade costeira e acabaram por transformá-la num grande porto de águas profundas, na prática o porto de Viena. Os mercadores de Trieste converteram-se nos verdadeiros amos do lugar, superando os restos do patriciado indígena; coexistiram com a burocracia dos Habsburgos, sem se vergarem a esta, e sobreviveram a três breves períodos de ocupação napoleónica. Ligada à região interior de que dependia, a norte, por estradas e linhas férreas que cruzavam o planalto de Karst, Trieste prosperou muitíssimo ao servir de placa giratória para o comércio da Áustria, da Hungria, da Boémia e de grande parte da Europa Central. Nos alvares do século XX, era um dos maiores portos do

mundo, um eixo central de ligação entre a Europa e a Ásia. «A terceira entrada do Canal do Suez», eis como lhe chamavam; o primeiro navio mercante a cruzar este canal, ainda antes da abertura oficial, foi o vapor *Primo*, de Trieste, e três outros navios triestinos estiveram presentes na cerimónia de inauguração, em 1869.

Trieste foi, portanto, uma criação imperial, e, durante algumas gerações, viveu satisfeita com esse estatuto. O conhecimento de carga *Via Trieste* era moeda corrente onde quer que navegassem navios mercantes. Este apogeu não durou muito, porém. Em 1919, finda a Primeira Guerra Mundial, o império dos Habsburgos desagregou-se. O recém-inventado Reino da Jugoslávia herdou a maior parte das respectivas possessões adriáticas, mas Trieste viu-se arrancada à sua geografia, por assim dizer, e anexada ao Reino da Itália, recentemente unificado — na fronteira da barbárie, tal como pensavam ainda, sem dúvida, os políticos de Roma. Trieste ficou, portanto, privada do seu próprio interior. Este porto imperial definiu inevitavelmente, despojado de qualquer utilidade no seio da Itália, e a cidade declinou até mergulhar no torpor — tal como Pope disse acerca das virgens vestais e Gibbon acerca da Etiópia, «esquecendo o mundo, pelo mundo esquecida».

Quando, em 1945, a Itália, por seu turno, foi humilhada na Segunda Guerra Mundial, a pobre Trieste foi disputada entre os vencedores. Os governantes da Jugoslávia, agora comunistas, cobiçaram-na, apoiados pelos seus camaradas ideológicos da União Soviética; as potências ocidentais recebiam ver Trieste converter-se num aceso dos russos ao Mediterrâneo. Durante um certo tempo, a cidade esteve dividida entre exércitos ocupantes rivais — britânicos e americanos de um lado, jugoslavos do outro — e, ao longo de um ou dois anos, teve o estatuto de Território Livre, sob os auspícios das Nações Unidas. No entanto, as potências antagonicas com assento no Conselho de Segurança, confrontadas com os vetos umas das outras, nunca chegaram a consenso acerca de um governador

aceitável para a cidade, e portanto, no ambiente tenso da Guerra Fria, a ideia de Território Livre foi abandonada. Em 1954, a cidade portuária propriamente dita foi devolvida à Itália, ao passo que a maior parte do território circundante foi atribuído à Jugoslávia.

Decorrido quase meio século, a República Federativa Popular da Jugoslávia desintegrou-se também, e é assim que, hoje em dia, Trieste continua ali suspensa, no extremo do seu cordão umbilical italiano, formalmente isolada da região interior de que depende — depois daqueles escassos anos cintilantes de celebridade imperial, nunca mais cumpriu o seu destino grandioso.

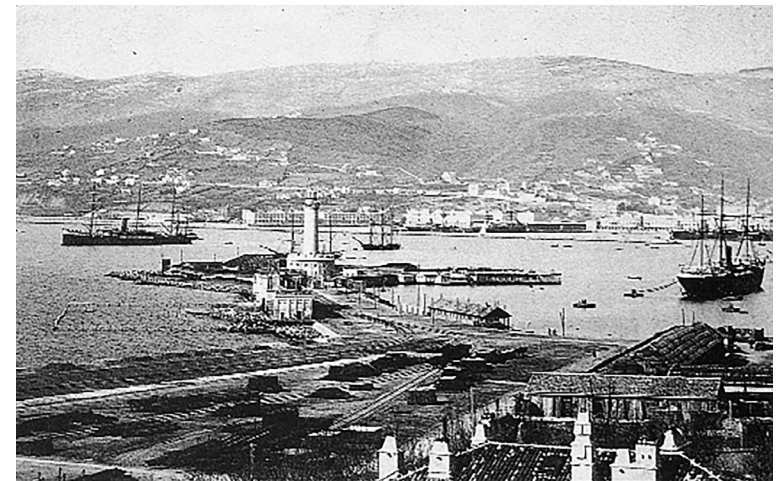
Para mim, Trieste é uma alegoria do limbo, na acepção secular de um hiato indefinível. O meu conhecimento desta cidade abarca toda a duração da minha vida adulta, mas, à imagem da minha existência, continua a incutir-me um sentimento de espera, como se algo magnífico mas indefinido estivesse sempre prestes a acontecer. As ruas de Trieste, hoje em dia, são tão barulhentas e estão tão coalhadas de trânsito como as de qualquer outra cidade europeia de 250 mil habitantes, mas continuam a parecer-me meio desertas, mesmo nos momentos em que se encontram mais apinhadas, e sinto-me sozinha neste lugar, mesmo quando estou rodeada de amigos. Há quase meio século que esta cidade faz parte da Itália, e é a capital tanto da sua província homónima como da região bem mais vasta de Friuli-Venezia Giulia; a meu ver, no entanto, continua a ser um enclave *sui generis*, onde latinos, eslavos e teutões se mesclaram, onde artistas, lobos solitários, renegados, exilados e imigrantes ociosos podem refugiar-se e, com sorte, ser felizes — como Waring, o homem de sociedade do poema de Browning, que fugiu de Londres para se furtar ao tédio da vida mundana e foi visto pela última vez na companhia de um gaiato folgazão, num batel, em Trieste, a apregoar vinho e tabaco a um brigue inglês de passagem. Não obstante a minha condição de forasteira, ainda me vejo

enquanto parte deste porto de mar meio real, meio imaginário, e assim, agora que, ao fim de tantos anos, me proponho escrever um livro acerca de Trieste (o meu último livro, além do mais), não deixará de ser uma obra de impressionismo urbano, mas também, em parte, de introspecção — ou antes, de entrega aos prazeres da vida.

«E trieste», escreveu James Joyce acerca desta cidade, «ah trieste roí meu fígado!» («And trieste, ah trieste ate I my liver!») A expressão, ao que tudo indica, é a adaptação literal de uma expressão idiomática italiana, dando a entender que alguém se sente cheio de rancor e também, possivelmente, um trocadilho com as palavras *triste était mon livre*; mas as respectivas alusões subliminares — ao lado visceral da cidade, ao seu lado surreal, solitário, hipocondríaco, ensimesmado e afectuoso — coincidem, em grande medida, com as minhas próprias reacções.

I
UMA CIDADE NO SOPÉ DO MONTE

«Surreal, hipocondríaca, subliminar? Nem por sombras.»



Se chegarmos de carro, transpando o planalto de Karst, a verdade é que Trieste nos parece absolutamente singela e sem mistério. A estrada cruza a fronteira eslovena e chega à aldeia de Opicina, onde o planalto desce abruptamente através dos pinhais, ao encontro do mar. Aqui, um obelisco alto assinala o começo da cidade. Foi erigido em 1830, para comemorar a abertura da primeira estrada digna desse nome a cruzar o Karst, ligando Viena ao seu porto de mar, no Adriático. Agora, o monumento está votado ao abandono, decrépito, e o cenário que o rodeia é suburbano, mas, quando resplandecia, acabado de inaugurar, anunciava ao viajante aliviado que a sua jornada através das terras áridas chegara ao fim e que estava prestes a alcançar um santuário da ordem imperial — um posto avançado mediterrânico, moderno e desempoeirado, do império dos Habsburgos. O jovem arquiduque austríaco Fernando José Maximiliano, ao viajar por esta estrada em 1850, achou o Karst um deserto amaldiçoado, mas viu na aparição distante do obelisco um símbolo de esperança e incitou o cocheiro a espicaçar os cavalos.

Um elemento de esperança é para mim a essência da condição citadina e, quando vejo uma cidade na lonjura, na orla de um terreno bravio, estugo sempre o passo. Quanto mais isolada for a cidade, mais esperançosa é, porque oferece então um contraste mais espectacular com o mundo bucólico que a rodeia. Até há bem pouco tempo, o ciclo campestre era regular e previsível, regido

pelas estações do ano e pelas necessidades ancestrais da agricultura: ceifavam-se as searas, os borregos nasciam e eram mortos, semeava-se a terra e colhiam-se os frutos, as vacas davam à luz os vitelos e fazia-se o feno — dia após dia, ano após ano, a sucessão de trabalhos agrícolas prosseguia. Se tudo corresse bem, não havia surpresas. Nem mesmo o advento da ensilagem e dos fertilizantes artificiais ou a perspectiva da manipulação genética puderam libertar a vida rural das suas rotinas milenares. De Inverno ou de Verão, quer chova quer faça sol, todos os dias sem falta, às seis em ponto da manhã, o meu vizinho Alwyn Parry percorre a nossa vereda, ao volante da sua carrinha, para preparar as vacas para a ordenha.

Mas a cidade! Aí, o estado de coisas muda a cada momento, e as pessoas também. A cidade fervilha de ideias e de trânsito, é um remoinho de novidades e de surpresas. Quem se aborrece numa cidade? Se estivermos fartos de uma actividade, podemos experimentar outra coisa, mudar de emprego, ir comer a um outro restaurante. A maior parte do progresso humano teve o seu impulso nas cidades. Enquanto o agricultor lavrava o seu velho talhão, sob a supervisão do padre e do proprietário das terras, passando o testemunho, quando chegava o momento, a filhos e netos, lá longe, na cidade, as pessoas concebiam novas maneiras de viverem, de se vestirem, de pensarem, de comerem, novas crenças e novos ideais. «Tivesse eu muito dinheiro», disse o poeta (novamente Browning):

dinheiro bastante e de sobra,
Uma casa no largo da cidade é que era obra;
Ah, a vida que ali a gente à janela cobra!^{*}

* Recorri à tradução de Fernando Pessoa, disponível em *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, ed. de Luiz Fagundes Duarte, Imprensa Nacional, Lisboa, 2018. (N. do t.)

Concordo com ele, não obstante ter morado no campo toda a minha existência. Na nossa época, o urbanismo começou a esmagar o lado bucólico da vida, mas ainda resta disparidade suficiente entre a cidade e o campo para me levar a acicatar o meu postilhão quando avisto uma cidade no sopé do monte.

Surreal? Hipocondríaca? Subliminar? Nem por sombras. A nossa primeira imagem de Trieste, vista do obelisco de Opicina, no alto da crista sobranceira aos limites da cidade, é hoje tão tranquilizadora como o era no tempo de Maximiliano. A cidade espraia-se diante de nós, aparentemente serena e sem nada a esconder, e o cenário que a rodeia é soberbo. Se o tempo estiver bom, podemos abarcar tudo com a vista, ali mesmo, qual diagrama da sua história. Trieste estende-se em volta de duas baías, a baía de Trieste, a norte, e a baía de Muggia, a sul, separadas por um promontório — *O Promontório*, como os triestinos lhe costumavam chamar. A linha costeira perde-se na lonjura, ao encontro de Split e da Croácia, para um lado, e ao encontro de Veneza e da Itália, para o outro, com o perfil azulado e montanhoso da Ístria a sul, a costa plana de Friuli-Veneza Giulia a norte e a oeste. Não raro, este panorama de cortar a respiração encontra-se toldado — pela chuva ou pelo nevoeiro, no Inverno, pela reverberação do calor, no pino do Verão —, mas, por vezes, possui uma limpidez quase sobrenatural, e, nessas alturas, podemos imaginar um clarão de luz do Sol a cintilar nas cúpulas douradas de São Marcos, em Veneza, a mais de cem quilómetros daqui, em linha recta, sobre as águas.

Numa pequena colina abaixo de nós, junto à baía norte de Trieste, ergue-se a povoação muralhada que constituía a cidade original, conhecida dos ilírios, dos romanos e dos venezianos. Possui uma catedral e uma cidadela no cume, um anfiteatro romano na encosta, e o seu labirinto de ruas medievais é ainda reconhecível, a derramar-se até à beira de água — o pequeno porto fortificado

que nasceu de Tergeste e que se assemelhava, talvez, a uma Dubrovnik menos formidável. Hoje em dia, a Cidade Velha de Trieste foi em parte obliterada pelo moderno desenvolvimento, está em parte decrépita por causa da idade provectora, foi em parte remodelada e embelezada, e perdeu muito do seu antigo orgulho; porém, a dois passos dela e a rodeá-la, subjugando-a com a sua imponência, ergue-se a cidade que os Habsburgos construíram como o seu porto imperial.

O panorama desta outra Trieste, em grande medida novinha em folha no tempo de Maximiliano, deve tê-lo alegrado com a sua promessa de toalhas de mesa brancas e camas confortáveis. Tratava-se das compensações universais do imperialismo, e os contemporâneos dele na Índia Britânica sentiam um entusiasmo comparável quando os seus comboios entravam em Bombaim ou em Lahore, emergindo das infundáveis planícies indianas. «Vemo-nos no Clube!», gritavam uns aos outros, aliviados, no momento em que se precipitavam para os seus cabriolés, e Maximiliano, depois de se deleitar com a vista a partir do Obelisco (que, em Trieste, ainda se escreve com *O* maiúsculo), certamente que se apressou a regressar à carruagem, sacudindo as folhas mortas das botas, no mesmo estado de espírito ansioso e expectante. Ali, na orla de uma terra bravia, a Trieste dos Habsburgos foi construída, nos séculos XVIII e XIX, com todos os requintes urbanos. A sua traça era racional, os seus edifícios, imponentes, as suas ruas, espaçosas, a sua atmosfera, satisfeita e descontraída, pois tratava-se de uma cidade mercantil, uma cidade portuária, construída para esse efeito. A sua preocupação fundamental não era a política, a elegância ou o lazer, ao contrário das suas contemporâneas arquitectónicas, São Petersburgo, Calcutá ou Bath. O trabalho árduo e a diligência eram as suas marcas distintivas, mas os construtores sabiam que o conforto material andava de mãos dadas com o lucro. Trieste era uma máquina urbana absolutamente moderna e eficiente.

Hoje em dia, tanto a velha como a nova Trieste foram invadidas por edifícios industriais e subúrbios indiferenciados do século passado, mas, a partir de Opicina, um olhar imaginativo consegue ainda distinguir a relação original entre ambas — uma relação imperial, mais uma vez, em que uma das povoações domina, em grande medida, a outra. Uma está ainda agachada sob o seu castelo, rodeada por vestígios de muralhas; a outra encontra-se voltada para o mar, cheia de confiança em si própria, com cais e embarcadouros ao longo da frente marinha, uma vasta *piazza* espaçosa dando directamente para o Adriático, e um farol num quebra-mar, fechando o porto. Há no emaranhado confuso da pequena cidade medieval uma certa delicadeza; a grande cidade dos Habsburgos não tem subtileza nenhuma, somente aparato ostensivo. Parece-nos ouvir naquela a música de alaúdes e de madrigais, enquanto nesta dir-se-ia soarem fanfarras e charangas. Se buscarmos um paralelismo contemporâneo, basta-nos descer pela costa da Croácia, percorrendo as estâncias balneares, onde antigas cidades orgulhosas da República de Veneza foram invadidas por hotéis de betão e parques de campismo; uma vez mais, no entanto, o contraste seria bastante familiar aos olhos dos funcionários da Índia Britânica, porque as vielas intrincadas da Trieste casteleja se erguem no meio da simetria da cidade austríaca um pouco à maneira de um bazar indiano a dois passos de um acantonamento ordeiro e de paredes caiadas do Raj.

No entanto, o tempo e o cenário conferiram a estes elementos uma certa unidade (tal como tantas vezes sucedeu com o bazar e o acantonamento, e até com os parques de campismo e os *campamiles*). Neste início do século XXI, há poucas construções modernas ali em baixo, pelos padrões da maioria das cidades europeias. Trieste não sofreu grandes danos devido às guerras, e não possui muitos prédios altos — os guias turísticos da zona designam um edifício de seis andares como um *grattacielo*, um arranha-céus.

NOTA BIOGRÁFICA

Jan Morris recebeu ao nascer, em 1926, na cidade inglesa de Clevedon, o nome de James Humphrey Morris. Apesar da identidade masculina, percebeu «aos três, talvez quatro anos», que nascera «no corpo errado». Estudou História em Oxford. Aos 17 anos ingressou no Exército inglês e foi integrado no 9.º Regimento de Lanceiros, célebre pelo seu carácter de clube selecto entre a elite militar britânica. Mais tarde, trabalhou como jornalista, e com o *The Times* acompanhou a primeira expedição britânica a alcançar o topo do Evereste, em 1953. Publicou o primeiro livro em 1956, na sequência de uma visita aos Estados Unidos da América. Daí em diante escreveu relatos de viagens, livros de história, ensaios e um romance. Quando, em 1972, concluiu o processo de mudança de sexo, com uma operação cirúrgica em Casablanca, James Morris passou a chamar-se Jan Morris. Casada desde 1949 com Elizabeth Tuckiness, com quem teve cinco filhos, continuaram a viver juntas. Foi distinguida com o doutoramento *honoris causa* pelas universidades de Gales e de Glamorgan. Em 2008, o *The Times* incluiu-a entre os 15 maiores escritores britânicos do pós-guerra. Os seus livros têm vindo a ser publicados na Colecção de Literatura de Viagens, dirigida por Carlos Vaz Marques: *Veneza* (2009), *Hav* (2013), *Espanha* (2016), *Mambattan '45* (2018). Na Tinta-da-china está também publicada a sua autobiografia: *Conundrum. História da minha mudança de sexo* (2020). Jan Morris morreu em Novembro de 2020.



trieste

*foi composto em
caracteres Hoefler Text
e impresso na
Eiga, Indústria
Gráfica, em papel
CoralBook de 80 g
em Maio de 2021.*

NESTA COLECÇÃO

Morte na Pérsia
Annemarie Schwarzenbach
(trad. Isabel Castro Silva)

Uma Ideia da Índia
Alberto Moravia
(trad. Margarida Periquito)

Paris
Julien Green
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Japão É Um Lugar Estranho
Peter Carey
(trad. Carlos Vaz Marques)

Veneza
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Caderno Afegão
Alexandra Lucas Coelbo

Disse-me Um Adivinho
Tiziano Terzani
(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque
Brendan Beban
(trad. Rita Graña)

Histórias Etiopes
Manuel João Ramos

Na Síria
Agatha Christie
(trad. Margarida Periquito)

A Viagem dos Inocentes
Mark Twain
(trad. Margarida Vale de Gato)

Viva México
Alexandra Lucas Coelbo

Jerusalém — Ida e Volta
Saul Bellow
(trad. Raquel Mouta)

Caminhar no Gelo
Werner Herzog
(trad. Isabel Castro Silva)

Cartas do Meu Magrebe
Ernesto de Sousa

Viagem de Autocarro
Josep Pla
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Colosso de Maroussi
Henry Miller
(trad. Raquel Mouta)

O Murmúrio do Mundo
Almeida Faria

Viagem a Tralalá
Wladimir Kaminer
(trad. Helena Araújo)

Histórias de Londres
Enric González
(trad. Carlos Vaz Marques)

Os Primos da América
Ferreira Fernandes

Cadernos Italianos
Eduardo Pitta

Um Gentleman na Ásia
Somerset Maugham
(trad. Raquel Mouta)

Mais Um dia de Vida —
Angola 1975
Ryszard Kapuściński
(trad. Ana Saldanha)

Vai Brasil
Alexandra Lucas Coelbo

Dicionário de Lugares Imaginários
Alberto Manguel e Gianni Guadalupi
(trad. Carlos Vaz Marques e Ana Falcão Bastos)

Hav
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta e Vasco Gato)

Mi Buenos Aires Querido
Ernesto Sclero
(trad. Carlos Vaz Marques)

Histórias de Roma
Enric González
(trad. Rita Almeida Simões)

A Estrada para Oxiana
Robert Byron
(trad. Raquel Mouta)

Dália Azul, Ouro Negro
Daniel Metcalfe
(trad. Susana Sousa e Silva)

Era Uma Vez em Goa
Paulo Varela Gomes

Viagem à Volta do Meu Quarto
Xavier de Maistre
(trad. Carlos Sousa Almeida)

Terra Nullius
Sven Lindqvist
(trad. Luís Mexêdo)

Histórias de Nova Iorque
Enric González
(trad. Raquel Mouta)

Cartas Persas
Montesquieu
(trad. Isabel St. Aubyn)

Sibéria
Olivier Rolin
(trad. Isabel St. Aubyn)

Espanha
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Crepúsculo em Itália
D.H. Lawrence
(trad. Paulo Faria)

Carnaval no Fogo
Ruy Castro

Da Amazônia às Malvinas
Beatriz Sarlo
(trad. Rita Almeida Simões)

A Conquista do Inútil
Werner Herzog
(trad. Manuela Ribeiro Sanches)

Constantinopla
Edmondo de Amicis
(trad. Margarida Periquito)

Tempo de Silêncio
Patrick Leigh Fermor
(trad. Alda Rodrigues)

Manhattan '45
Jan Morris
(trad. Paulo Faria)

Cinco Travessias do Inferno
Martha Gellhorn
(trad. Raquel Mouta)

Desconhecida Num Comboio
Jenny Diski
(trad. Rita Almeida Simões)

O Mundo: Modo de Usar
Nicolas Bouvier
(trad. José Mario Silva)

Tempo de Dádivas
Patrick Leigh Fermor
(trad. Alda Rodrigues)

Trieste
Jan Morris
(trad. Paulo Faria)

